



ESTÉTICA URBANA: UMA ANÁLISE NO CENTRO DE PORTO ALEGRE

**Kowarick, Adriana (1); Silva, Aline (2); Reckziegel, Daniela (3); Rodrigues, Mirian (4);
Forgiarini, Francisco (5); Lay, Maria Cristina (6); Reis, Antônio Tarcísio (7).**

- (1) PROPUR-UFRGS, Brasil, e-mail: adriana.kowarick@ufrgs.br
- (2) PROPUR-UFRGS, Brasil, e-mail: alinemavlis@yahoo.com.br
- (3) PROPUR-UFRGS, Brasil, e-mail: danireck@gmail.com
- (4) PROPUR-UFRGS, Brasil, e-mail: misarodrigues@uol.com.br
- (5) IPH-UFRGS, Brasil, e-mail: francisco_forgiarini@yahoo.com.br
- (6) PROPUR-UFRGS, Brasil, e-mail: cristina.lay@ufrgs.br
- (7) PROPUR-UFRGS, Brasil, e-mail: tarcisio@orion.ufrgs.br

RESUMO

Este artigo trata, através da estética empírica, dos padrões de estímulo visual dos usuários do centro de Porto Alegre. São identificadas as edificações ou locais esteticamente mais e menos atraentes no centro, assim como as razões para tais indicações. São avaliadas cenas com distintos níveis de ordem e estímulo visuais, entre arquitetos e não-arquitetos. A investigação é realizada em duas etapas consecutivas: primeiramente, são realizados mapas mentais por 30 residentes de cinco regiões do centro, com a marcação das edificações e locais mais e menos atraentes; posteriormente, são aplicados questionários a 30 arquitetos e a 30 não-arquitetos incluindo as cenas a serem avaliadas e um mapa do centro para a indicação das edificações e locais mais e menos atraentes. Os resultados revelam, por exemplo, que as edificações ou locais mais e menos atraentes no centro de Porto Alegre tem alguma relação de proximidade com o local de residência do participante, porém a maioria das edificações ou locais são indicadas independentemente de tal relação. Ainda, os resultados permitem maior entendimento sobre os padrões de estímulo visual e contribuem para futuras decisões e intervenções que afetam a estética urbana.

Palavras-chave: estética urbana; avaliação estética; centro de Porto Alegre; mapa mental.

ABSTRACT

Through an empirical aesthetics analysis, this paper deals with users' visual stimulus pattern of downtown Porto Alegre. The most and least attractive buildings and the places in downtown are identified and an explanation for the choice made is given. Scenes with different levels of order and visual aesthetics stimulus are evaluated by architects and non architects. The research is implemented in two consecutive stages: at first a mental map with the most and least attractive buildings and the places in downtown is created by thirty residents of five downtown regions; next, questionnaires containing scenarios to be evaluated and a downtown map for identification of most and least attractive buildings and places are applied to thirty architects and thirty non architects. Results show, for example, that there are some relationship between participants' homes and his chose about the most and least attractive buildings and places in downtown Porto Alegre, but certain buildings or places are identified independently of such relationship. Moreover, results allow a better understanding of the visual aesthetics patterns and contribute to future interventions and decisions making that affect urban aesthetics.

Keywords: urban aesthetics; aesthetics evaluation; downtown Porto Alegre; mental map.

1 INTRODUÇÃO

A estética urbana trata das características físico-espaciais do ambiente, da morfologia e dos atributos físicos que constituem o espaço e interferem na sua qualidade, assim como das associações possibilitadas por tais atributos. Autores como Lang et al. (1974), Weber (1995) e Nasar (1997) propõem que a abordagem da Estética Empírica possibilita a avaliação da aparência de um ambiente construído. Nesta abordagem são consideradas duas categorias estéticas: a formal e a simbólica. A formal está relacionada à estrutura das formas, aos elementos e suas relações, à Gestalt (teoria da percepção visual baseada na psicologia da forma) e conceitos como semelhança, proximidade, ritmo, e complexidade, entre outros (LANG, 1987). A simbólica refere-se às associações com a forma que permitem aos usuários estabelecerem conexões baseadas no processo de cognição, importante para a apreensão do espaço, evocando experiências passadas, valores, etc. Assim, as formas podem possuir distintos significados segundo o conhecimento – categorização e julgamento – do indivíduo (LANG, 1987; NASAR, 1997). Estilo arquitetônico, por exemplo, pode ser considerada como variável simbólica na medida em que o indivíduo associa determinados valores a um determinado estilo (NASAR, 1997; RAPPAPORT, 1977).

A importância da estética urbana, de ambientes urbanos esteticamente atraentes, para o bom desempenho das cidades é evidenciada por diversos estudos (WHITE, 1990; NASAR, 1997; JACOBS, 2000; STAMPS, 2000). Cidades que respondem aos aspectos estéticos, além dos aspectos funcionais, contribuem positivamente na qualidade de vida de seus usuários (ISAACS, 2000). Um ambiente esteticamente satisfatório atrai as pessoas na medida em que proporciona uma resposta favorável quanto ao uso e à imagem desse espaço. Um ambiente esteticamente insatisfatório, degradado, ao contrário, repele as pessoas, muitas vezes dificultando o uso e criando uma imagem negativa. Neste sentido, a literatura destaca que aspectos físicos do ambiente construído têm consequências cognitivas importantes para as pessoas que utilizam o espaço (LANG, 1987; KAPLAN; KAPLAN, 1989; NASAR, 1997; LYNCH, 1997).

Vários estudos realizados sobre o centro de Porto Alegre (p.ex., AZEVEDO et al., 1999; ZERBINI et al., 2002; DREUX et al., 2004; MORETTO et al., 2006; CASTELLO, 2007) avaliam sua morfologia, seu uso e seus referenciais. Porém não existem informações sobre os locais mais ou menos esteticamente atraentes no centro de Porto Alegre, e, consequentemente, sobre as justificativas e suas relações com as categorias da estética formal e da estética simbólica, e sobre as possíveis diferenças quanto às avaliações estéticas entre arquitetos e não-arquitetos, diferenças estas detectadas em alguns estudos (NASAR, 1997).

2 OBJETIVOS

Deste modo, este trabalho tem por objetivos: (1) a identificação dos locais mais e menos esteticamente atraentes do centro de Porto Alegre, (2) a identificação dos atributos formais e/ou simbólicos que justificam estas escolhas e (3) a identificação das diferenças entre as avaliações sobre a estética urbana de arquitetos e não-arquitetos.

3 METODOLOGIA

A justificativa para a seleção do centro de Porto Alegre como objeto de investigação está na sua importância histórica, caracterizado como o primeiro espaço de ocupação urbana do município, e pela sua relevância atual, sendo uma das principais entradas da cidade. Estudos anteriores já atestaram a relevância desta área, indicando elementos que atuam como importantes referenciais para a cidade (p.ex., AZEVEDO et al., 1999; ZERBINI; REIS, 2002; MORETTO et al., 2006).

Uma variedade de métodos pode ser usada para estudar a percepção sobre a estética urbana. O uso de múltiplos métodos de coleta de dados tende a dar maior credibilidade, confiabilidade e qualidade às pesquisas (p.ex. LAY; REIS, 2005). O método do mapa mental, proposto por Lynch (1997), e de questionário, são amplamente utilizadas para identificar áreas mais e menos significativas das cidades (CASTELLO, 2007). Para realizar o estudo sobre estética urbana do centro de Porto Alegre, identificando os locais mais e menos atraentes (bonitos e feios) e suas justificativas formais e simbólicas, optou-se por desenvolver o trabalho em duas etapas consecutivas. A primeira constitui-se

da realização de mapas mentais com o objetivo de identificar os locais mais e menos atraentes do centro, e verificar a relação das justificativas com aspectos formais e/ou simbólicos. A amostra de respondentes foi constituída por 30 moradores do centro distribuídos igualmente em cinco sub-áreas, definidas a partir da pesquisa realizada por Azevedo et al. (1999): sub-área A – Casa de Cultura Mário Quintana; sub-área B – Praça da Matriz; sub-área C – Antiquários; sub-área D – Mercado Públíco; e a sub-área E – Usina do Gasômetro (Figura 1). Esta divisão teve como objetivo verificar se os locais apontados têm relação de proximidade com a moradia dos respondentes. A escolha do grupo de respondentes foi baseada no tempo de residência – superior a um ano – e no atributo da familiaridade (KAPLAN & KAPLAN, 1983). As informações obtidas nos mapas mentais foram tabuladas e analisadas no programa SPSS/PC. A análise foi realizada por meio do teste de tabulação cruzada da estatística não paramétrica, utilizando o valor de phi para avaliar a significância (até 5%). A partir dos resultados foi estabelecido um percentual de freqüência a partir de 15% como significativo na identificação de lugares mais e menos atraentes.

Na segunda etapa a amostra de respondentes foi constituída por 60 usuários não moradores do centro de Porto Alegre, divididos em arquitetos e não-arquitetos. Foi realizado um estudo piloto, com aplicação de dez questionários, com o objetivo de verificar a estrutura mais eficiente quanto às respostas acerca das justificativas para as avaliações estéticas das cenas serem fechadas com múltipla escolha ou abertas, optando-se pelas respostas fechadas em função da clareza e da facilidade de comparação e de tabulação. O questionário foi dividido em duas partes. Na primeira, apresentou-se um mapa com o traçado do centro de Porto Alegre com as principais ruas e praças identificadas, e solicitou-se ao respondente que apontasse as edificações, ruas ou praças mais bonitas e mais feias, justificando suas indicações. Nesta fase optou-se por este mapa referência pela maior facilidade e rapidez dos participantes indicarem o solicitado, já que no mapa mental os locais mais e menos atraentes são apontados inteiramente baseados na imagem mental que o participante possui do centro. Na segunda parte foi utilizada a representação de três cenas urbanas com diferentes atributos (Figura 3). A primeira cena classificada como monótona apresenta características como repetição de elementos, ritmo, similaridade de altura, cor, textura e forma geométrica e estilos. Sua característica predominante é a simplicidade, com poucos elementos heterogêneos, exigindo poucas relações de organização para atingir a ordem (WEBER, 1995). A segunda cena classificada como harmônica com estímulos visuais, apresenta além das características de ritmo, similaridade de alturas, cor, textura e forma geométrica e estilo, a característica de complexidade, que oferece mais focos de atenção, mais aspectos a serem explorados, possibilitando diferentes pontos de vista e estímulos ao observador (WEBER, 1995). A terceira cena classificada como caótica, apresenta ausência de ritmo, de similaridade de alturas, de cor, de textura, de forma geométrica e estilo. Sua principal característica é a ausência de ordem, deste princípio fundamental que governa o arranjo e a organização dos elementos de uma composição (LANG, 1987).

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados são apresentados em quatro seções relativas aos objetivos, a saber: identificação dos locais mais e menos atraentes; análise das justificativas para tais avaliações estéticas; análise formal das cenas; e, por fim, a análise da diferença de percepção entre arquitetos e não-arquitetos.

4.1 Identificação dos locais mais e menos atraentes e avaliação estética do centro

Os locais *bonitos* e *feios* foram identificados a partir dos dados obtidos nos mapas mentais e nos mapas dos questionários. Foram identificados nos mapas mentais 16 locais *bonitos* e seis locais *feios*, e nos questionários 12 locais *bonitos* e cinco locais *feios* com freqüência superior a 15%, conforme figuras 1 e 2, respectivamente, revelando uma maior coincidência nas indicações dos locais *bonitos* do que naquelas dos locais *feios*. Isto sugere que os locais *bonitos* no centro de Porto Alegre tendem a ser mais evidentes, gerando menos controvérsias, enquanto os *feios* tendem a ser menos evidentes, gerando mais discrepâncias entre as opiniões dos usuários acerca dos mesmos.



Figura 1 – Representação por ordem de preferência dos locais *bonitos* (círculos) e locais *feios* (quadrados) dos mapas mentais. Fonte: autores.

Legenda locais bonitos: 1. Usina do Gasômetro (46,6%); 2. Catedral Metropolitana (40%); 3. MARGS (36,6%); 4. Praça da Alfândega (33,3%); 5. Orla do Guaíba (30%); 6. Santander Cultural (30%); 7. Casa de Cultura Mário Quintana (26,6%); 8. Praça da Matriz (26,6%); 9. Mercado Público (26,6%); 10. Teatro São Pedro (23,3%); 11. Memorial do Rio Grande do Sul (20%); 12. Viaduto Otávio Rocha (20%); 13. Igreja das Dores (16,6%); 14. Rua Duque de Caxias (16,6%); 15. Campus Central da UFRGS (16,6%); 16. Armazéns do Cais do Porto (15%). **Legenda locais feios:** 1. Rua dos Andradas (26,6%); 2. Estação Rodoviária (20%); 3. Rua Salgado Filho (16,6%); 4. Praça da Alfândega (15%); 5. Mercado Público (15%); 6. Rua Júlio de Castilhos (15%).

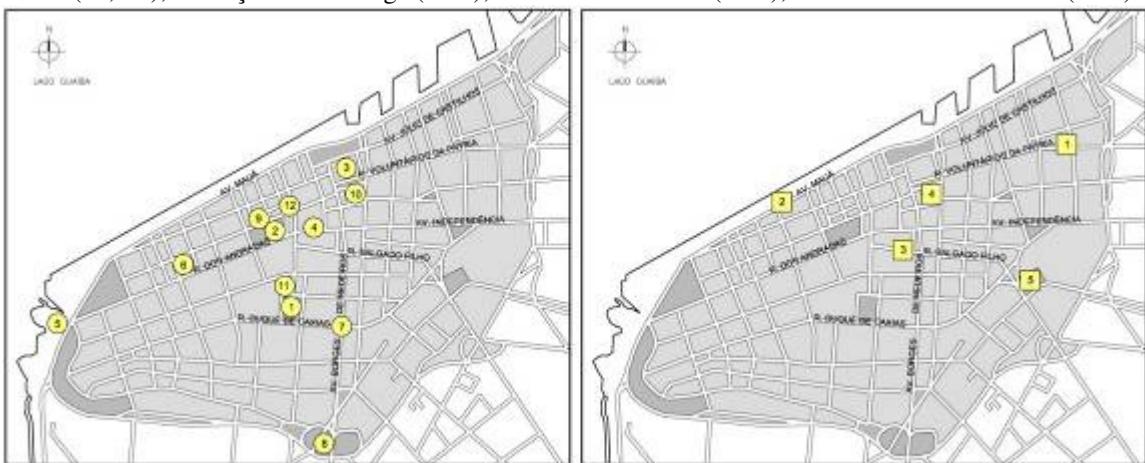


Figura 2 – Representação por ordem de preferência dos locais *bonitos* (círculos) e locais *feios* (quadrados) nos mapas dos questionários. Fonte: autores.

Legenda locais bonitos: 1. Praça da Matriz (61,7%); 2. Praça da Alfândega (53,3%); 3. Mercado Público (45%); 4. Rua dos Andradas (26,6%); 5. Usina do Gasômetro (26,6%); 6. Casa de Cultura Mário Quintana (25%); 7. Viaduto Otávio Rocha (25%); 8. Praça dos Açorianos (21,6%); 9. MARGS (20%); 10. Praça XV de Novembro (18,3%); 11. Teatro São Pedro (16,6%); 12. Santander Cultural (15%). **Legenda locais feios:** 1. Rua Voluntários da Pátria (43,3%); 2. Av. Mauá (28,3%); 3. Rua Júlio de Castilhos (18,3%); 4. Praça XV de Novembro (16,6%); 5. Praça Argentina (15%).

As figuras acima demonstram a preferência por edificações e algumas praças como locais *bonitos* e ruas e outras praças como locais *feios*. Este resultado evidencia o panorama contraditório do centro, que possui alguns espaços bem cuidados e alguns que vêm sendo requalificados ao longo do tempo e contribuem para que a aparência do bairro seja considerada satisfatória, enquanto existem outros espaços degradados, feios, sem manutenção, com poluição sonora e visual, como as Ruas Salgado Filho e Voluntários da Pátria, que acabam interferindo na percepção dos moradores e usuários em relação ao centro de Porto Alegre. Percebe-se ainda que existe relação entre os locais *bonitos* e *feios* identificados nos mapas e os marcos referenciais do centro de Porto Alegre apontados em trabalhos anteriores, incluindo edificações com usos conhecidos, tais como o espaço cultural da Usina do Gasômetro e a Casa de Cultura Mario Quintana (p.ex., MORETTO et al., 2006).

Embora as sub-áreas tivessem influência sobre o desenho dos mapas mentais, a maioria dos locais *bonitos* e *feios* foram indicados independentemente do local de residência do participante, com os

locais *bonitos* se concentrando nas sub-áreas A e B, e com os *feios* se concentrando na sub-área D (Figura 1). Assim, relações estatisticamente significativas entre o local de moradia do participante e a indicação de locais *bonitos* e *feios* no mapa mental só foram encontradas para: Campus da UFRGS, indicado como local *bonito* somente pelos moradores da sub-área Antiquários ($\Phi = 0,811$; $\text{sig} = 0,001$); Mercado Público, indicado como local *feio* basicamente pelos moradores da sub-área do Gasômetro ($\Phi = 0,588$; $\text{sig} = 0,035$) e a Rodoviária, indicada como local *feio* primeiramente pelos moradores da sub-área dos Antiquários ($\Phi = 0,732$; $\text{sig} = 0,003$) (Tabela 1).

Tabela 1 – Percentual das respostas por sub-áreas para os locais *bonitos* e *feios*, com freqüência superior a 15%.

Sub-áreas do Centro		CCMQ sub-área A	Gasômetro sub-área E	Praça Matriz sub-área B	Antiquários sub-área C	Mercado Público sub-área D
Locais <i>bonitos</i>	Orla do Guaíba	22,22%	11,11%	22,22%	22,22%	22,22%
	Santander Cultural	33,33%	22,22%	11,11%	11,11%	22,22%
	Memorial do RS	50,00%	16,67%	0,00%	0,00%	33,33%
	MARGS	27,27%	18,18%	9,09%	18,18%	27,27%
	CCMQ	12,50%	25,00%	25,00%	25,00%	12,50%
	Igreja das Dores	60,00%	0,00%	20,00%	20,00%	0,00%
	Usina do Gasômetro	21,43%	14,29%	28,57%	21,43%	14,29%
	Teatro São Pedro	28,57%	0,00%	14,29%	28,57%	28,57%
	Catedral	25,00%	0,00%	33,33%	33,33%	8,33%
	Praça da Alfândega	20,00%	20,00%	30,00%	10,00%	20,00%
	Praça da Matriz	25,00%	0,00%	50,00%	12,50%	12,50%
	Mercado Público	12,50%	12,50%	50,00%	25,00%	0,00%
	Viaduto Otávio Rocha	0,00%	0,00%	33,33%	33,33%	33,33%
	Armazéns do Porto	0,00%	0,00%	50,00%	25,00%	25,00%
	Rua Duque de Caxias	0,00%	0,00%	20,00%	40,00%	40,00%
Locais <i>feios</i>	Campus da UFRGS	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%	0,00%
	Rua dos Andradas	25,00%	12,50%	25,00%	12,50%	25,00%
	Praça da Alfândega	25,00%	25,00%	0,00%	25,00%	25,00%
	Mercado Público	0,00%	75,00%	25,00%	0,00%	0,00%
	Rodoviária	0,00%	0,00%	33,33%	66,67%	0,00%
	Rua Salgado Filho	0,00%	0,00%	20,00%	40,00%	40,00%
	Av. Júlio de Castilhos	0,00%	0,00%	50,00%	50,00%	0,00%

Nota: em negrito estão os locais que guardam uma relação estatisticamente significativa com o local de moradia do criador do mapa mental Quando comparados os dois instrumentos, mapa mental e mapa do questionário, observou-se a coincidência na indicação de nove lugares *bonitos* e um lugar *feio*. Isto sugere alguma semelhança na preferência estética entre moradores e não moradores do centro para os locais *bonitos*, em detrimento dos locais *feios*. Esta preferência reforça a evidência de locais *bonitos*, da imageabilidade destes, tal como mencionado por Lynch (1997), atuando como elementos estruturadores da imagem ambiental do centro de Porto Alegre, em detrimento de locais *feios*, conforme sugerido anteriormente.

4.2 Análise das justificativas referentes à identificação dos locais mais e menos atraentes

Em ambos os mapas, com exceção dos locais Orla do Guaíba, Usina do Gasômetro e Armazéns do Cais do Porto, onde a justificativa ‘visuais’ foi a mais citada, a justificativa ‘arquitetura’ foi a mais mencionada para explicar a indicação dos locais *bonitos*: 15 vezes nos 16 locais nos mapas mentais e 11 vezes nos 12 locais nos mapas dos questionários. O local Mercado Público, identificado como *bonito*, teve justificada a preferência pelo ‘aspecto histórico’ e pela ‘manutenção’, além da ‘arquitetura’. Em relação aos locais *feios* a justificativa ‘falta de manutenção’ foi a mais apontada: quatro vezes nos seis locais *feios* dos mapas mentais e três vezes nos cinco locais *feios* dos mapas dos questionários. Nos demais locais as justificativas mais citadas foram ‘camelôs’, ‘tumulto’, ‘mendigos’ e ‘poluição visual’. Dois locais foram identificados tanto como *bonito* como *feio*: Praça da Alfândega e Rua dos Andradas. As justificativas para ambos os locais se assemelha, ‘arquitetura’ para local *bonito* e ‘camelôs’ para local *feio*.

Tais informações sugerem que as justificativas mais citadas, tanto para identificar os locais *bonitos* quanto para identificar os locais *feios* referem-se aos aspectos formais dos espaços (arquitetura e manutenção), o que demonstra ser a aparência a primeira característica percebida pela maioria dos

usuários. As demais justificativas mencionadas referem-se aos aspectos simbólicos e ao uso dos espaços e desta forma refletem a experiência individual mediatisada pelo processo de cognição.

4.3 Análise formal das cenas e ordem de preferência

As cenas que seguiram foram usadas como estímulo para ambos os grupos de respondentes (arquitetos e não-arquitetos) indicarem suas preferências estéticas e correspondentes justificativas.

Cena 1



Cena 2



Cena 3



Figura 3 – Três cenas do questionário. Fonte: autores.

Perguntando-se aos respondentes a ordem de preferência das cenas, a seqüência 1,2,3 aparece em primeiro lugar com 55%. Em segundo lugar verifica-se a ordem 2,1,3 com 38,3%. Embora este resultado possa ir de encontro à literatura que sugere que uma cena harmônica com estímulo visual e certa complexidade seria mais preferida, parte da explicação pode estar no fato de que a idéia de ordem seja maior na cena 1 e de que esta não seja entendida como monótona em função da repetição não ser acentuada. Assim, mesmo que simplicidade e repetição possam ser associadas à monotonia (p.ex., WEBER, 1995), isto nem sempre acontece, conforme revelado por estes resultados, onde as similaridades de alturas, cores, e estilos foram as mais citadas para justificar as preferências. Por outro lado, a cena 3, com menos ordem, não esteve entre as preferidas, corroborando resultados anteriores sobre a necessidade de ordem na composição, na relação entre os elementos arquitetônicos (p.ex., WEBER, 1995).

4.4 Diferenças de percepção entre arquitetos e não-arquitetos

Foram identificados nos mapas dos questionários dos arquitetos 13 locais *bonitos* e nove locais *feios* (Figura 4) e dos não-arquitetos oito locais *bonitos* e quatro *feios* (Figura 5). Comparadas as respostas dos mapas dos questionários verificou-se que quase todos os locais *bonitos* e *feios* indicados pelos não-arquitetos (Figura 5) são também citados pelos arquitetos (Figura 4). Além desta concordância entre arquitetos e não-arquitetos, os arquitetos citam outros locais, o que representa uma maior percepção do centro por parte destes respondentes.

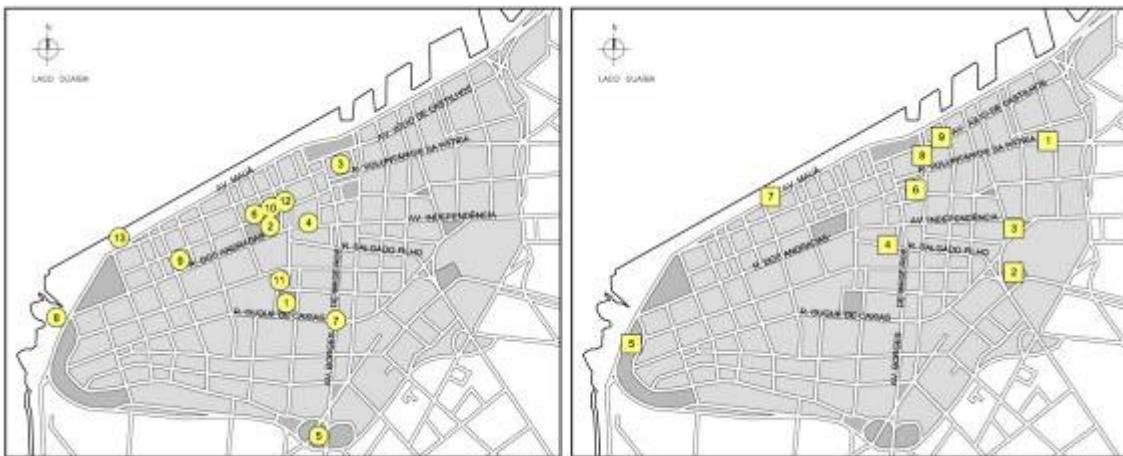


Figura 4 – Representação por ordem de preferência dos arquitetos para os locais *Bonitos* (círculos) e *Feios* (quadrados) dos mapas dos questionários. Fonte: autores.

Legenda locais bonitos: 1. Praça da Matriz (70%); 2. Praça da Alfândega (63,3%); 3. Mercado Público (40%); 4. Rua dos Andradas (36,6%); 5. Praça dos Açorianos (30%); 6. MARGS (26,6%); 7. Viaduto Otávio Rocha (26,6%); 8. Usina do Gasômetro (23,3%); 9. Casa de Cultura Mário Quintana (23,3%); 10. Memorial do Rio Grande do Sul (23,3%); 11. Teatro São Pedro (20%); 12. Santander Cultural (16,6%); 13. Cais do Porto (16,6%).

Legenda locais feios: 1. Rua Voluntários da Pátria (33,3%); 2. Praça Argentina (23,3%); 3. Praça Dom Feliciano (20%); 4. Rua Salgado Filho (20%); 5. Praça Júlio Mesquita (20%); 6. Praça XV de Novembro (20%); 7. Av. Mauá (16,6%); 8. Terminal Parobé (16,6%); 9. Júlio de Castilhos (16,6%).

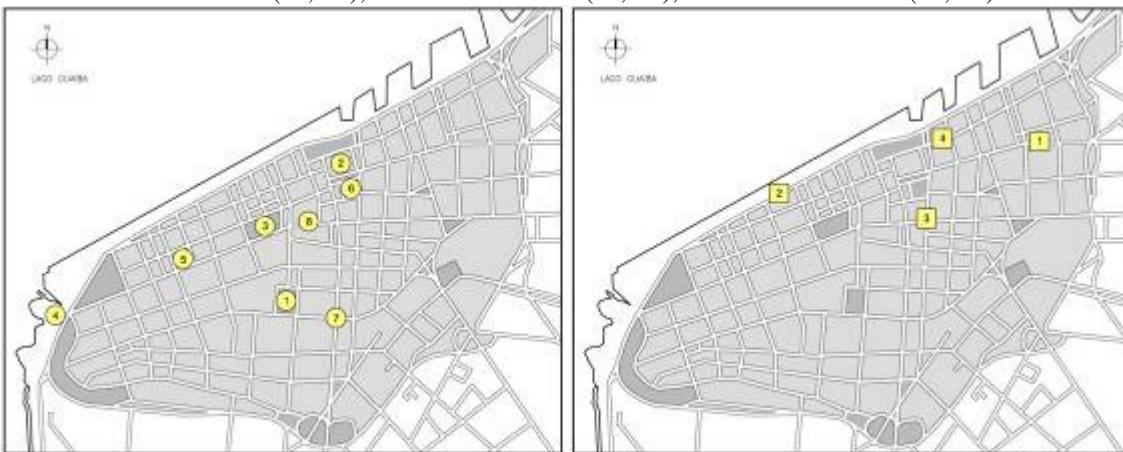


Figura 5 – Representação por ordem de preferência dos Não-Arquitetos para os locais *Bonitos* (círculos) e locais *Feios* (quadrados) dos mapas dos questionários. Fonte: autores.

Legenda locais Bonitos: 1. Praça da Matriz (53,3%); 2. Mercado Público (50%); 3. Praça da Alfândega (43,3%); 4. Usina do Gasômetro (30%); 5. Casa de Cultura Mário Quintana (26,6%); 6. Praça XV de Novembro (23,3%); 7. Viaduto Otávio Rocha (23,3%); 8. Rua dos Andradas (16,6%);

Legenda locais Feios: 1. Rua Voluntários da Pátria (53,3%); 2. Av. Mauá (50%); 3. Rua Mal Floriano Peixoto (23,3%); 4. Rua Júlio de Castilhos (20%).

Ainda em relação às justificativas na identificação dos locais *bonitos* e *feios*, as respostas de ambos os grupos são equivalentes: para os arquitetos a justificativa arquitetura foi citada 11 vezes para 13 os locais *bonitos*, e a justificativa falta de manutenção foi citada cinco vezes para os nove locais *feios*. Em relação aos não-arquitetos a justificativa arquitetura foi citada sete vezes para os oito locais *bonitos* e as justificativas falta de manutenção e poluição visual foram citadas cada uma duas vezes para os quatro locais *feios*.

Ainda, não foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre as respostas dos arquitetos e dos não-arquitetos e a percepção da aparência geral do centro, bastante similar para os dois grupos (Gráfico 1). Quanto às cenas (Figura 3), os resultados revelam que os arquitetos consideram a cena 1 e a cena 2 mais bonitas que os não-arquitetos (Gráfico 1), relação esta, entre formação acadêmica e avaliação estética, estatisticamente significativa para ambas as cenas (cena 1 - $\Phi = 0,440$; $\text{sig} = 0,009$; cena 2 - $\Phi = 0,443$; $\text{sig} = 0,019$). Contudo, ambos os grupos consideraram a cena 1 como a mais bonita. Quanto à ordem das cenas, 33,3% dos arquitetos preferiram a seqüência 1,2,3 e 15,0%

preferiram a seqüência 2,1,3, apresentando uma coerência com o resultado individual das cenas. Os não-arquitetos ao analisarem as cenas separadamente consideraram a cena 1 mais bonita que a cena 2 (Gráfico 1). Contudo, no momento de ordenar as cenas, a seqüência 2,1,3 aparece em primeiro lugar com 23,3% e a seqüência 1,2,3 com 21,7%, o que revela que tanto a cena 1 quanto a cena 2 possuem qualidades estéticas, enquanto a cena 3 se confirma como esteticamente insatisfatória.

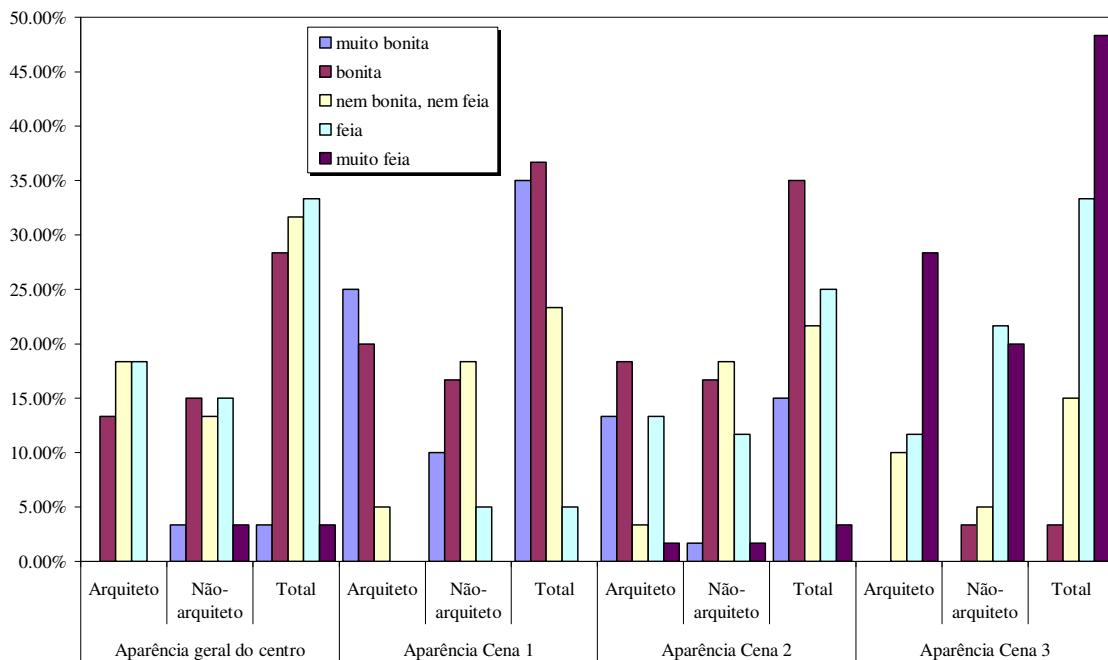


Gráfico 1 – Opinião dos usuários quanto a aparência geral do Centro e das cenas 1, 2 e 3.

Geralmente, foram encontradas relações estatisticamente significativas entre os grupos de arquitetos e não-arquitetos e as justificativas apresentadas para as avaliações das cenas 1, 2 e 3 (Tabela 2).

Tabela 2 – Relações estatisticamente significativas entre as justificativas das cenas e a profissão dos respondentes.

Cenas	Relação com a justificativa para a cena	Phi e Significância
Cena 1	Profissão e Similaridade entre as alturas das edificações	phi = 0,364; sig = 0,005
	Profissão e Presença de ritmo na cena	phi = 0,514; sig = 0,001
	Profissão e Ausência de ritmo na cena	phi = 0,327; sig = 0,011
	Profissão e Bom estado de manutenção das edificações	phi = 0,439; sig = 0,001
	Profissão e Mau estado de manutenção das edificações	phi = 0,267; sig = 0,038
	Profissão e Similaridade entre os estilos das edificações	phi = 0,315; sig = 0,015
Cena 2	Profissão e Similaridade entre as alturas das edificações	phi = 0,377; sig = 0,003
	Profissão e Similaridade entre as cores das edificações	phi = 0,231; sig = 0,024
	Profissão e Mau estado de manutenção das edificações	phi = 0,037; sig = 0,037
	Profissão e Similaridade entre os estilos das edificações	phi = 0,283; sig = 0,028
	Profissão e Diferença entre os estilos das edificações	phi = 0,346; sig = 0,007
Cena 3	Profissão e Ausência de ritmo na cena	phi = 0,340; sig = 0,008

Por outro lado, tanto as avaliações estéticas da cena 3 como as justificativas foram muito semelhantes para arquitetos e não-arquitetos, apenas a ausência de ritmo na cena apresentou relação com a profissão dos respondentes, diferentemente do que ocorreu com as cenas 1 e 2, fundamentando as avaliações estéticas negativas da cena com ausência de ordem por ambos os grupos. Os arquitetos demonstraram um consenso nas escolhas das justificativas, identificado pelo maior percentual das respostas (Gráfico 2), o que sugere uma facilidade de percepção e leitura dos aspectos formais das cenas devido a sua formação profissional.

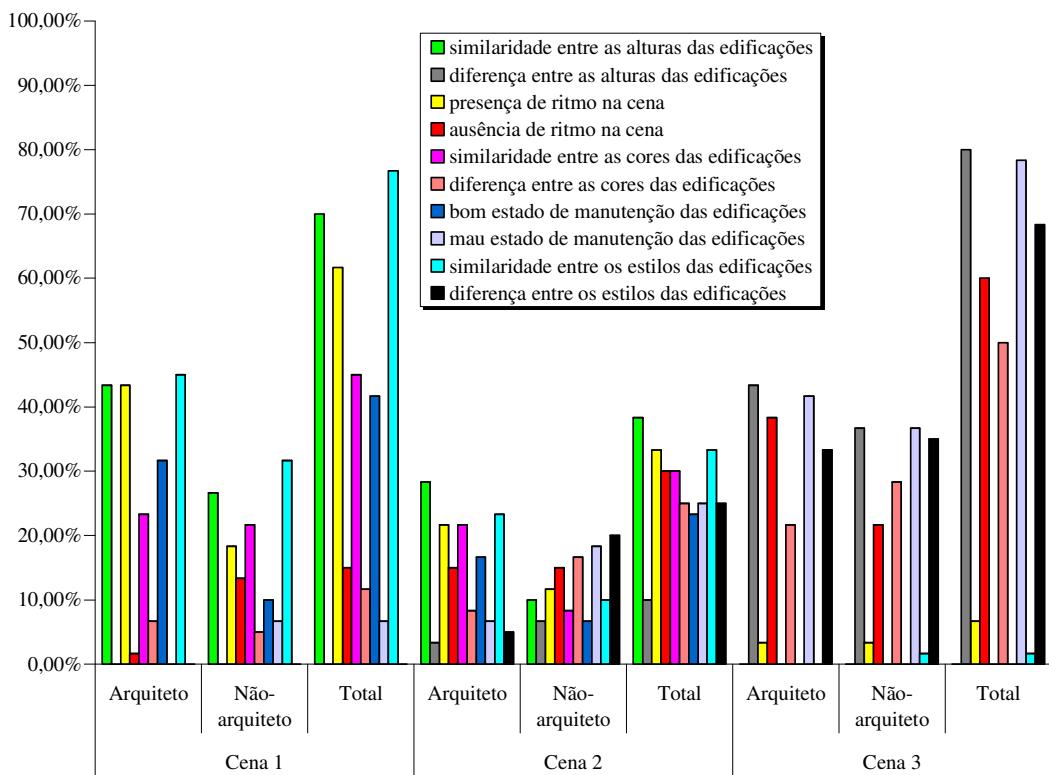


Gráfico 2 – Justificativas dos arquitetos e não-arquitetos para percepção estética das cenas.

5 CONCLUSÕES

A partir dos objetivos levantados neste estudo verificou-se que as características formais são importantes para a percepção e preferência dos usuários do espaço urbano. Verificou-se também que as características simbólicas somam-se às características formais conformando a apreensão do espaço. Os locais apontados como mais atraentes esteticamente demonstram a preferência por edificações de valor histórico-cultural que apresentam bom estado de conservação e percebe-se que são, primeiramente os atributos formais, com as justificativas ‘arquitetura’ e ‘manutenção’, que sustentam estas escolhas. Não é por coincidência que estes locais estão, na sua maioria, localizados na área de abrangência do programa Monumenta, que busca a qualificação do espaço público e restauração das edificações históricas em 26 cidades do Brasil, entre elas Porto Alegre. Isto demonstra a importância da avaliação da estética urbana como parte do planejamento das cidades e reforça a evidência de que estes locais possuem características de imageabilidade, tal como mencionado por Lynch (1997), atuando como elementos estruturadores da imagem ambiental do centro de Porto Alegre.

Em relação aos grupos analisados, percebeu-se que houve uma diferença entre a percepção e avaliação estética de arquitetos e não-arquitetos. Os arquitetos justificaram suas preferências com maior grau de detalhamento, utilizando mais as variáveis formais e identificando um número maior de locais esteticamente mais e menos atraentes.

Apesar dos resultados apresentados serem fruto de um exercício acadêmico exploratório, estes podem servir como parâmetro para estudos futuros que pretendam investigar com maior profundidade a estética urbana. Considerações como estas, alcançadas através de uso de métodos que buscam a informação no usuário, auxiliam no trabalho dos técnicos que passam a conhecer as percepções e preferências estéticas da população em relação a uma determinada edificação, praça ou rua da cidade.

6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, L. Patrimônio arquitetônico X qualidade visual do cenário urbano: um caso para avaliação de preferências em Pelotas-RS. 2000. 219 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 2000.

DREUX, V. Avaliação da Estação Mercado do Trersurb no centro de Porto Alegre. In: I CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL E X ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2004. *Anais...*São Paulo, 2004.

ISAACS, R. **The Urban Picturesque:** An Aesthetic Experience of Urban Pedestrian Places. *Journal of Urban Design.* Vol. 5, n. 2, 2000. p. 145-180.

JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades.** São Paulo, Martins Fontes, 2000.

KAPLAN, R & KAPLAN, S. **The experience of nature:** A psychological perspective. New York: Cambridge University Press, 1989.

LANG, J. Theories of Perception and “Formal” Design. In.: LANG, J., BURNETTE, C., MOLESKY, W., & VACHON, D. (ed) **Designing for Human Behavior:** Architecture and the Behavioural Sciences. Stroudsburg, Dowden, Hutchinson and Ross, 1974. p. 98- 119.

LANG, J. **Creating Architectural Theory:** the role of the behavioral sciences in environmental design. New York : Van Nostrand Reinhold, 1987.

LAY, M. C.; REIS, A. T. Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, 2005. p. 23-28.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORETTO, M. et al. Fatores físicos e aspectos locacionais na definição de referencias urbanos. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2006. *Anais...* Florianópolis: ANTAC, 2006. p. 2844-2853.

NASAR, J. & HONG, X. Visual Preferences in Urban Singscapes. **Environment and Behavior**, vol 31, n. 5, September 1999. p. 671- 691.

NASAR, J. New Developments in Aesthetics for Urban Design. In.: MOORE, G & MARANS, R, (ed.) **Environmental Aesthetics:** Theory, Research & Applications. USA: Cambridge, 1997. p. 149- 193.

NASAR, J. The effect of sign complexity and coherence on the perceived quality of retail scenes. In.: MOORE, G & MARANS, R, (ed.) **Environmental Aesthetics:** theory, research and applications. New York, Cambridge University Press, 1992. p. 300-320

RAPPAPORT, A. **Human aspects of Urban Form:** Towards a man-environment approach to urban form and design. London: Pergamon Press, 1977.

STAMPS III, A. **Psychology and the aesthetics of the built environment.** Massachusetts, USA: KAP, 2000.

ZERBINI, A.; REIS, A. Composição visual e compatibilidade formal em praças centrais de Porto Alegre. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2002. *Anais...* Foz do Iguaçu: ANTAC, 2002. p. 1059-1068.

WEBER, R. **On The Aesthetics of Architecture:** a psychological approach to the structure and the order of perceived architectural space. Avebury, Aldershot, England: Ashgate Publishing, 1995.

WHYTE, W. **City:** rediscovering the center. New York: Anchor Books, 1990.